

PARAGENS DA MEMÓRIA – HISTÓRIA, PATRIMONIO E MODERNIDADE NA PONTA NORTE DA ESTRADA REAL (MINAS GERAIS)¹

Profa. Dra. Andréa Casa Nova Maia – PUC-MINAS
Prof. Ms. Rogério Arruda NIBH/UNIPEL

1. Memória e Ruína – Reflexões sobre o tempo na ponta norte da Estrada Real

*Minhas asas estão prontas para o vôo,
Se pudesse, eu retrocederia.
Pois eu seria menos feliz
Se permanecesse imerso no tempo vivo.*

Gerhard Scholem
(apud BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de História*. In: *Magia e técnica, arte e política*. SP: Brasiliense, 1985.)

Refletir sobre a Estrada Real, ou melhor, focar os caminhos e trilhas percorridas ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX por tropeiros, “perfeitos negociantes”, viajantes, milícias, “vassalos e rebeldes” é refletir sobre ruínas, memória e história.

Ruínas. Andar pelos antigos caminhos e trilhas da ponta norte da Estrada Real é, muitas vezes, atravessar o silêncio do esquecimento, com seus gravetos impedindo a passagem daqueles que teimam em buscar as marcas e os vestígios de um outro tempo. Hoje, ao invés do movimento efervescente das tropas que com seus burros enfeitados de cincerros que tocavam a música das trocas mercantis, há um silêncio, quebrado somente pelo vento que balança os galhos das árvores ou pelo canto de um pássaro do cerrado.

Caminhos esquecidos, que urgem ser (re)encontrados através de um turismo responsável, não destrutivo. Que respeite a cultura do outro, não a ameace, nem a destrua, mas que possibilite trocas culturais efetivas e enriquecedoras. O *Angelus Novus*, pintado por Paul Klee, é, ainda, o anjo da história. Walter Benjamin, em suas teses “Sobre o conceito de História” (BENJAMIN, 1985), recupera-o e também o fazemos, perante as imagens produzidas pela modernidade tardia brasileira, que causou o ocaso das tropas mineiras, substituindo-as pelos automóveis, mais eficazes e velozes para o ritmo do capitalismo do tempo presente. As asas do anjo da história são impelidas pelo vento do norte a mudá-lo de rumo, mas seu olhar busca fixar o cenário em ruínas... E, ao sobrevoar as serras, os campos rupestres, mirar os rios, riachos e córregos e os restos do garimpo, seus olhos se escancaram, sua boca dilata-se, suas asas abertas testemunham o que seus olhos vêem.

“Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.” (BENJAMIN, 1985, p. 226) Do passado, uma catástrofe única: o desencantamento do mundo, a busca do novo, de trazer para o interior de Minas a propalada “civilização”, o progresso via caminhões. Do passado, as trilhas percorrendo as encostas dos morros, agora atravessados por estradas de rodagem, que passam a correr, ora paralelas, ora distantes ou mesmo coincidindo com os antigos caminhos de tropas... Mas, o anjo da história “gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”. Talvez queira ver de novo os burrinhos transportando feijão, milho, toucinho, mandioca, sal, querosene, farinha, queijo, aguardente, ouro e diamante... Gostaria de ver os tropeiros pousando nos ranchos, cozinhando em suas trempes, contando seus casos, estendendo no chão suas esteiras de couro. O anjo da história seria como um turista em busca de um outro tempo, de outras práticas, de outros costumes? Quem sabe o anjo da história queira ver a estrada cheia? O movimento, lugar de trocas econômicas e culturais? O anjo da história talvez quisesse ter a chance de construir uma grande colcha que, de retalhos do tempo, juntasse cada lembrança de vida, (re) compusesse a história. “Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira às costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.” (BENJAMIN, 1985, p. 226).

O imaginário do progresso continua presente nos discursos dos governantes, nas conversas de botequim, nas cidades do interior de Minas. Agora ele é a chegada do outro, estrangeiro que contempla, com seu olhar efêmero, aquela paisagem e suas paragens. O olhar de fora procura o que resiste ao tempo: uma igrejinha, um calçamento construído pelos escravos, um queijo produzido artesanalmente, um doce mexido no tacho de cobre, um tapete arraiolo, uma Festa do Rosário, uma cachoeira limpa e seus moinhos... Outros ritmos e outros sons. O olhar de dentro deseja o movimento do novo e constrói novas possibilidades de sobrevivência: constrói uma pousada, abre um restaurante, promove

festivais de verão e inverno, cria receptivos turísticos, faz renascer as festas religiosas e folclóricas tradicionais. Aqui nos deparamos com o encontro dos moradores do lugar com os turistas e, em primeiro lugar, vamos ouvir os homens e mulheres de carne e osso, que viveram e experimentaram o passado, para depois avaliarmos, brevemente, as possibilidades do turismo na contemporaneidade na interface com a memória sócio-cultural.

2.1 – A memória das tropas e dos antigos caminhos nas lembranças de velhos moradores

Na ponta norte da Estrada Real, talvez a maior riqueza patrimonial que se cruza com os “lugares de memória” e a paisagem natural sejam as reminiscências dos cidadãos que residem nas localidades ao longo dos caminhos. As memórias da cultura local e suas peculiaridades inserem-se numa nova perspectiva de conceituação do patrimônio cultural por nós partilhada, qual seja, a que diz respeito à idéia de patrimônio imaterial ou intangível, anteriormente proposta por Mario de Andrade em seu anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional de 1936, no qual ele já inova com a perspectiva de que as histórias, lendas, superstições, receitas culinárias, provérbios, ditos, danças dramáticas, dentre outras manifestações culturais, podem ser considerados bens relevantes na formação da cultura nacional, tanto quanto os tradicionais monumentos de “pedra e cal”.

Além disso, as narrativas coletadas fornecem subsídios para a identificação e descrição de outros bens culturais, como objetos considerados fetiches, de uso doméstico, instrumentos de agricultura, veículos e indumentária, dentre outros, tendência inovadora também anunciada inicialmente pelo modernista, cujo anteprojeto influenciou sobremaneira na formulação da política de patrimônio adotada atualmente no Brasil, a partir da Constituição de 1988. Voltemos assim nosso olhar para esse patrimônio, onde se fundem a memória e a história dos caminhos e do cotidiano daqueles homens e mulheres que por lá circularam.

Dona Nely do Carmo do Santos, nascida em três de maio de 1929, moradora de Mendanha, era filha de tropeiro e conta como seu pai realizava o transporte entre Senador Mourão e Diamantina, passando pelo antigo caminho dos escravos: “De lá de Senador Mourão, meu pai vinha até aqui com os animais, bois e burros cheios de rapadura, feijão e

porco. Passava e dormia aqui em Mendanha e depois ia para Diamantina.” A moradora comparara o passado ao presente, considerando que “Diamantina não era igual é hoje não. Não tinha nem luz quando a gente ia lá. Tinha as casinhas onde a gente vendia as coisas”. Ela conta do trajeto que seu pai fazia no antigo *Caminho dos Escravos*: “E eles vinham de Diamantina e dormiam aqui em Mendanha e depois iam embora para Senador Mourão”. Ela também fala da situação dos caminhos naquela época: “As estradas eram ruins demais, tudo apertadinho. Só passavam os animais. E somente gente de pé e animal. Não tinha estrada, não se usava carro, não se usava nada”. Suas lembranças também evocam as festas religiosas, patrimônio que até hoje se faz presente nessas paragens e agora, cada vez mais, vem se tornando um dos principais atrativos para o turismo cultural. O movimento das tropas movimentava a localidade: “aqui em Mendanha o rancho ficava cheio de gente, cheio de tropeiros. Porque não era só o meu pai que vinha. Vinham outros tropeiros de outros lugares e reunia todo mundo aqui com a tropa no rancho”.

O Sr Aureliano Pereira Azevedo, marido de Dona Nely, nascido no dia 20 de dezembro de 1925, também se lembra do tempo que as tropas arranchavam em Mendanha e cozinhavam sua própria comida de uma forma peculiar:

Os tropeiros faziam sua própria alimentação num fogão que se chamava trempe. Porque era um negócio de ferro com ponta. Eles chegavam e punham uma ponta aqui e batiam, fincavam no chão e punham a outra ponta. Penduravam as panelas nos ganchos e acendia-se o fogo em baixo. A comida era muito simples. Eles usavam poucas panelas, feijão, arroz, uma carne cozida e uma frita.

Ele nos relata sobre os horários de chegada e partida entre Mendanha e Diamantina, quando os tropeiros passavam pelo Caminho dos Escravos:

A tropa ia por essa estrada que eles chamam de Caminho dos Escravos. Eu fiz este trajeto muitas vezes de madrugada. Eu ia a pé para Diamantina. Naquele tempo não havia rodovia. E daqui para Diamantina ia a pé: de manhã, de madrugada e de tarde. Se desse para voltar de tarde voltava a pé pelo Caminho dos Escravos. Parte do caminho era calçado. Inclusive o calçamento está lá até hoje.

O senhor Anacleto Souza Ramos, que também mora em Mendanha, nascido em Curalinho no dia 13 de julho de 1928, conta o que se lembra dos caminhos e do movimento das tropas. Também nos conta que era da responsabilidade dos próprios tropeiros a manutenção e limpeza das estradas: “Tinha um pessoal daqui de Mendanha que recebia dos tropeiros para limpar as estradas e manter o caminho limpo”. E na sua concepção “A

Estrada Real é essa aí de tropa...” Atento às recentes discussões em torno do novo mapeamento do trajeto da Estrada Real, ele defende que ela começa dentro do distrito: “A Estrada Real que eles falam é essa aqui. Ela começava na boca da ponte. É a estrada aonde os escravos iam para Diamantina: era toda calçada com pedras grandes e lisas. Agora já acabou tudo”. Ele comenta também o ocaso das tropas, afirmando que: “as elas acabaram por causa da evolução. Foi crescendo, crescendo, crescendo. Abriu estrada de carro pra tudo quanto é lado. E hoje ninguém vai pegar um lote de burro mais. De Felício dos Santos, que chamava Brota Grande até Diamantina gastava dois a três dias de viagem. Hoje não, a mercadoria vai na porta.”

O tráfego pelos caminhos era dificultado, sobretudo, pela situação nas estradas que, na época das chuvas, ficavam muitas vezes intransitáveis, atrapalhando o fluxo comercial e isolando a comunicação entre as localidades: “antigamente aqui chovia muito e os tropeiros tinham muita dificuldade pra passar.(...) Pra sair com tropa, assim com chuva, esses tropeiros sofriam muito. Não tinha lugar com agasalho para eles ficarem com as tropas”. Para ela, “a Estrada Real é onde passam todos. Por onde passavam as tropas. Desde que eu era criança que o povo falava Estrada Real. Tem muito tempo. Não tinha outro nome”.

Por onde as tropas passavam, elas causavam curiosidade e admiração na população local. Eram importantes no abastecimento das localidades, por isso sua relevância. Mas, além da função comercial que exerciam, elas provocavam também um certo encantamento nas pessoas. Muitas relatam sobre a comida, os sons dos cincerros, a organização das tropas, as suas vestimentas. O antigo morador de São Gonçalo, Sr Quinquim, recorda que:

Nesse horário de onze horas, as tropas já estavam chegando e outras já tinham saído para Diamantina. Eram muitas tropas! Ficava cheio de burros aí porque tinham várias estacas para amarrá-los... Os tropeiros descarregavam e faziam a comida. Dormiam todos nos couros dos bois... O rancho aqui não tinha paredes, não. (...) Era tudo aberto. (...) E era muita gente... Eu conheci muitos tropeiros. Eu vinha muito aí. Eu achava tudo muito bonito... E ficava aí, de menino, olhando as tropas que chegavam batendo as coisas no chão... E eu ficava olhando como eles faziam comida, doído pra comer das coisas... A comida era gostosa, ficava cheirando... Era feijão tropeiro com torresmo. Eu ficava no meio deles... A meninada toda ficava aí. Ia para escola, voltava da escola e ficava olhando os tropeiros, olhando os burros.

A atual casa onde mora o senhor Quinquim foi, na sua infância, um rancho de tropas onde ele “ficava olhando os tropeiros, olhando os burros...”. Ao exercitar seu olhar curioso,

ele registrava situações, imagens, modos de falar que hoje são lembrados como se compusessem um filme antigo, repleto de personagens, às vezes idealizados. Dona Maria do Carmo, também residente em São Gonçalo durante muito tempo, viveu bem próxima ao movimento das tropas. A memória sobre as tropas é um legado coletivo. Mesmo aqueles que não foram tropeiros possuem suas lembranças, ora porque tiveram algum parente atuando diretamente nelas, ora porque viveram numa época em que praticamente todo o abastecimento alimentar era feito por meio de tropas. É nessa medida que podemos dizer de um patrimônio imaterial: a memória das tropas é partilhada coletivamente, ela fornece um esteio para a estruturação das identidades locais. Mas também temos as lembranças daqueles que atuaram diretamente no trabalho das tropas. Aquele sujeito que aparece na fala dos outros, também fala de si mesmo. O ex-tropeiro Antônio Luciano, por exemplo, morador de Milho Verde, conheceu bem os caminhos da região, pois neles atuou *tropeirando*, como se diz na região, durante vários anos.

Objetos, artefatos da culinária típica... A famosa trempe é um objeto lembrado por quase todos. Na memória sobre as tropas ela é um dos itens que sempre aparece como capaz de qualificar e de traduzir uma determinada prática sócio-econômica. Ela é um dos símbolos que povoam o imaginário social sobre as tropas. O senhor José Lopes, como qualquer tropeiro precavido, não deixava de ter uma na sua bagagem.

A trempe é uma peça muito importante. A gente chegava no Mercado de Diamantina, descarregava a tropa e ia fazer a comida na trempe. Todo mundo que passava, ficava olhando a gente cozinhar. Funcionava assim: a gente fincava os três ferros no chão e tem dois varais. Nos varais tem uns pinos onde a gente pendurava as panelas. Aí, vinha com a lenha, enfileirava a lenha por debaixo dela e ascendia o fogo, e colocava as panelas por cima das labaredas do fogo e fazia a comida, coava café... Eu gostava de comer carne moída com arroz. A gente trabalhava muito então tinha direito, né? Meu pai nesse ponto era caprichoso.

De certa forma, todos apresentam sua concepção de Estrada Real, na dele se destaca a associação com “o princípio do mundo”. Uma concepção em que está presente o mito e a história: assim a estrada é uma construção tanto histórica como imaginária: ela sempre existiu, mas também se faz no ir e vir das pessoas.

Agora, a Estrada Real, esses trilho, toda vida... Acho que desde o princípio do mundo tem ela. Tem muitos anos que a gente ouve dizer que essa é a Estrada Real. Na minha época de tropa já chamava assim. As estradas de carro, eles falavam rodovia, e, a Estrada Real é essa aqui. Era o trilho onde passava as tropas. Quando eu vim para cá já era Estrada Real. Nesse tempo era uma

estrada muito trilhada e sempre transitou por ela um número grande de gente. Era gente indo e voltando, até na madrugada. Nós moramos na beira de estrada e após uma hora da manhã até nove, dez horas, meio dia, só via movimento. Uns indo, outros voltando...

O senhor Augusto Domingos, morador de São Gonçalo, conhecido na região como Seu Agostinho, também atuou nas tropas e possui riquíssimas lembranças das viagens, das mercadorias transportadas, das condições dos caminhos. Mas, sua experiência é singular na medida em que ele viu as transformações proporcionadas pela construção de novas estradas e pela introdução dos automóveis e as incorporou, adaptando-as as suas condições e necessidades.

Os burros foram substituídos por jipes... As tropas esquecidas, os caminhos fechados pelo esquecimento. Mas o movimento da história fez com que essa memória fosse reencontrada pelos forasteiros que agora vem ouvir sobre um passado nem tão distante assim... A Estrada Real e seus caminhos diversos vão sendo (re)apropriados e ganham novas significações e representações. Ela vai se tornando um outro espaço, um museu vivo, a céu aberto, onde os limites são traçados em mapas do presente, das instituições de poder. Afinal, quem nos diz onde começa e onde termina a Estrada? Por que determinada localidade faz parte do circuito e outra não? A História. Mas qual? Aquela que escolhe o que sobreviverá, que transforma documentos em monumentos... O museu vivo requer uma organização de seu acervo. Para o Turismo, uma outra história é contada. Para o sujeito do olhar efêmero, o trabalho com as tropas era algo belo, feliz, divertido... Mas uma outra história subterrânea permanece latente: a do sofrimento das condições de trabalho, dificuldades imensas na luta pela sobrevivência, dentre outras questões. É importante não perder isso de vista. Até porque, um novo tipo de tropeirismo começa a surgir no tempo presente: o tropeirismo do turista.

3 - Considerações finais: o turismo e os novos tropeiros do espaço e do tempo presente

Em suma, o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar... Mas sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas.
*DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. SP: 34, 2002*

O espaço reconfigura-se. Novas trilhas criam novos mapas no mar rochoso das Minas. Rizomas que dizem de nossa passagem pelo tempo. Daqueles que exercem um nomadismo turístico, passam e retém algumas marcas para fixá-las na memória individual da viagem. Ou daqueles que, no sedentarismo, permanecem criando âncoras para resistir ao movimento do novo... Há uma linha de demarcação entre o olhar nativo — sedentário — e o olhar estrangeiro, do viajante turista — nômade. Porém, esta distinção aparentemente óbvia, pode complicar-se quando enfocamos um passado bastante remoto, das antigas paragens da Estrada Real em Minas. Afinal, todos nós, nativos e turistas, lançamos um olhar distante sobre o passado. A distância considerada é mental e psicológica, mas também física e literal. Em cada trajetória, novos mapas de subjetividade recortam no espaço imagens e traços que procuram dar novas significações para a caminhada. As novas gerações produzem um *entre-lugar*: aproximações inovadoras entre o passado das tropas e o presente do turismo, construindo uma outra estrada, um outro espaço de trocas, não mais puramente comerciais, mas, sobretudo, culturais. Dessa forma, o olhar estrangeiro e o local - das velhas gerações - se encontra naquele das novas gerações, que buscam alternativas de trabalho. São os guias, por exemplo, filhos e netos dos antigos moradores, tropeiros, agricultores e/ou garimpeiros, que passam a se interessar pelo patrimônio local, como forma de garantirem uma inserção econômica via turismo cultural e ecológico.

Nas suas comunidades de origem eles encontram as narrativas do tempo passado, com seus monumentos, seus vestígios dos antigos caminhos, suas cachoeiras, seus objetos da cultura material, suas festas religiosas e folclóricas, sua culinária típica e os dão visibilidade. Ou seja, fazem o olhar distante do olhar do outro, deixar de ser tão distante: aproxima-os. Na verdade não se trata simplesmente de lamentar o fim daquela antiga forma de caminhar pela Estrada Real e sim, refletir em que medida a caminhada continua de outra forma que pode ser importante para a própria sobrevivência daquelas antigas paragens...

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa coletiva oriunda do Projeto: “Paragens da Memória - História, Turismo Cultural e Educação Patrimonial na Estrada Real(...)”, financiado pela FAPEMIG entre janeiro/ 2004 e janeiro/ 2005, sob a coordenação da autora e contou com a participação da equipe composta pelo Prof. Dr. Marcos Lobato Martins, Prof. Ms. Rogério Arruda e pelos bolsistas Catarina Capela e Tatiana Gonçalves (BIC/FAPEMIG) e Manoel Júlio. Agradecemos a contribuição. Produzimos um site: <http://www.unipel.edu.br/paragensdamemoria/>.